

de militares. Da Marinha apenas ficaram em Díli a família do Comandante da Defesa Marítima, coerente com a sua discordância em avançar com evacuações, de um sargento e de dois marinheiros, uma das quais timorense.

Dia 13

Por decisão da UDT, o Governo reassumiu o controlo do porto de Díli e da Estação de Radiodifusão, mas foi-lhe negado a utilização do Aeroporto e da Rádio Marconi.

Dia 14

Os dois helicópteros da Força Aérea foram retirados do Aeroporto, por uma firme e desatenta iniciativa dos paraquedistas que chegaram a ameaçar elementos da UDT se fossem impedidos de movimentar os aparelhos.

Dia 15

O *Musi* atracou e iniciou a descarga após várias diligências para se conseguirem estivaadores. A Radionaval iniciou escuta à estação australiana de Darwin.

Dia 16

A zona portuária, a única “porta de saída” de Díli não controlada totalmente pela UDT, foi considerada zona neutra tendo sido destacada uma força de paraquedistas para a sua defesa. A partir desta data os únicos militares que ficaram isolados e em autodefesa foram os marinheiros em serviço na Radionaval.

Entretanto, tinha começado a evacuação de militares metropolitanos do interior, o que levou a que as unidades militares ficassem desenquadradas e na sua grande maioria entregues a sargentos timorenses.

Dia 17

Por se comemorar o Dia Nacional da Indonésia, fui ao consulado apresentar cumprimentos. Na ocasião o cônsul mostrou-se muito preocupado com a evolução da situação política e reiterou a posição oficial do seu Governo – A Indonésia não tinha quaisquer ambições territoriais, mas Timor não poderia jamais constituir uma ameaça à sua segurança.

Comunicou-me também que do seu país viria um avião para evacuar a família e parte do pessoal consular e que punha à disposição lugares para que a minha família pudesse ser igualmente retirada de Timor e colocada em segurança. Agradei-lhe a oferta mas obviamente recusei-a.

Dia 18

A situação tornou-se irreversível. Teve-se conhecimento que a FRETILIN assumira na véspera o controlo do Centro de Instrução de Aileu, feito prisioneiros os militares metropolitanos ali em serviço e retido

um helicóptero que nessa manhã se tinha deslocado ao aquartelamento. Um segundo helicóptero, com o Comandante Militar, em busca do primeiro, foi recebido a tiro mas conseguiu regressar incólume a Díli.

Posteriormente, o Comando do Sector de Maubisse foi ocupado pela FRETILIN após a chegada de uma coluna vinda de Aileu, tendo igualmente sido aprisionados os militares metropolitanos.

A *Tibar* largou a fim de patrulhar as imediações do porto de Díli, apoiar logisticamente o destacamento do Exército no Ataúro e evacuar os respectivos militares metropolitanos.

Dia 19

O Quartel-General e algumas unidades do Exército em Díli foram ocupados pela FRE-



Lancha de fiscalização *Tibar*.

TILIN, ficando por esse facto o Governo impossibilitado de ter contacto com as unidades situadas fora da capital.

Durante a noite foram ouvidos alguns disparos.

Dia 20

Na madrugada, os disparos, se bem que em pequeno número, começaram a ter uma certa continuidade. O *Musi* largou com destino a Singapura, já que não era possível concluir a operação de carga e garantir a sua segurança.

Ao anoitecer, militares metropolitanos recolheram ao porto, assim como centenas de civis fugidos às lutas entre a UDT e a FRETILIN. Na Radionaval, a Marinha mantinha-se isolada tendo começado a ser atingida por projecteis disparados pela FRETILIN contra o acampamento da UDT, que se situava num terreno confinante com o da Estação.

Dia 21

Os dois partidos confrontavam-se dentro de Díli empregando todo o tipo de armamento proveniente dos paióis do Exército, já ocupados pela FRETILIN na sua totalidade, inclusive morteiros de 81, que provocaram o aumento de mortos e feridos.

O ambiente de guerra civil originou o pânico entre a população que fugiu para a montanha ou para o porto. O sargento escriturário que desempenhava o cargo de fiel

do Comando da Defesa Marítima foi ferido gravemente por um dos vários projecteis que atingiram a Estação, a qual se manteve operacional apesar de ser quase uma tentativa de suicídio circular, a céu aberto, entre a Central de Recepção e a de Transmissão.

O saque das lojas comerciais começou perante os incêndios que alumiam a escuridão de uma cidade que desde a tarde se encontrava totalmente privada de energia eléctrica. A partir desta data a Radionaval passou a depender exclusivamente do seu gerador.

Dia 22

Os marinheiros, atravessando zonas da cidade onde os combates eram mais acesos e confrontando-se com inúmeros riscos, foram buscar víveres de casas comerciais, após autorização dos respectivos proprietários, para os refugiados que no porto lutavam contra a fome. Esta acção humanitária durou até à saída para a Ataúro. A *Comoro* largou de Díli para evacuar os militares e civis metropolitanos de Baucau. Ao anoitecer, parte dos refugiados no porto, sentindo-se inseguros, pediram auxílio e protecção ao cônsul indonésio.

Dia 23

Da parte da tarde começou o transporte de refugiados na *Laleia* para o navio norueguês *Lloyd Bake* que, fretado através do Governo de Macau, tinha fundeado ao largo.

O pessoal da Marinha orientou o embarque, contrariando, dentro do possível, as restrições que no cais os representantes dos partidos políticos tentavam impor e simultaneamente procurando controlar a multidão que, aterrorizada, queria entrar na barcaça.

Sob o fogo de morteiros a operação de evacuação, após o anoitecer, foi efectuada com o farol de Díli e a balizagem do porto totalmente apagados, tendo o seu êxito só sido possível devido ao elevado profissionalismo e abnegação dos marinheiros que, saliente-se, pela primeira vez manobravam a *Laleia*.

Os cônsules da Indonésia e da China foram convidados a embarcar no *Lloyd Bake*, mas recusaram alegando que só o fariam com ordens dos respectivos Governos. O Bispo declarou que não saía de Díli qualquer que fosse a evolução da situação. Cerca da meia-noite tinham sido transportados para o *Lloyd Bake* 1.155 pessoas, encontrando-se o navio sobrelotado, pelo que foi mandado largar com destino a Darwin.

Dia 24

A comunidade chinesa, que até à data se tinha mantido numa atitude neutra e expectante, foi tomada de pânico e refugiou-se na Igreja de Motael. Mais projecteis atingiram a Radionaval aumentando as probabilidades de se tornar inoperativa a qualquer momento.